

## **DIVÓRCIO, VIOLÊNCIA CONTRA MULHER IDOSA E RESSIGNIFICAÇÃO INDIVIDUAL: UM ESTUDO DE CASO**

Ms. Janaina Andrade Tenório Araújo e Dra. Albenise de Oliveira Lima

*UNICAP-Universidade católica de Pernambuco*  
*Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica*  
janainaat@hotmail.com [albenise@unicap.br](mailto:albenise@unicap.br)

### **RESUMO**

A violência contra a mulher interfere nos aspectos psicológicos, físicos e sociais dos vitimados. Ela é considerada atualmente um problema de saúde no Brasil. O Estudo de caso objetivou conhecer a relação e suas consequências entre o divórcio, à violência doméstica e a ressignificação individual. A pesquisa segue um desenho qualitativo, e teve como participante uma mulher idosa divorciada, vítima de violências provocadas por seu ex-cônjuges. O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada e os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo temática. Os resultados indicaram que os sentimentos e emoções mais frequentes foram: os sentimentos de felicidade, vivacidade, determinação e liberdade. No que se refere às características do luto manifestadas no percurso do processo de separação, constatamos que houve a vivência de sentimentos de tristeza, mágoa, decepção. Percebemos que a separação favoreceu a manutenção da saúde e que a participante experienciou o processo de subjetivação que promoveu o contato consigo e oportunizando a vivência de novos enfoques de si mesmo. Observou-se no caso, à permanência do ex-casal na mesma casa, após o divórcio. Entendemos que os ex-cônjuges passaram pelas etapas de separação familiar, social e legal. No entanto, por questões econômicas, mantiveram a moradia sob o mesmo teto.

**Palavras chave** divórcio, violência contra mulheres, ressignificação individual.

### **ABSTRACT**

Violence against women affects the psychological, physical and social rights of victims. She is currently considered a health problem in Brazil. The case study aimed to identify the relationship and the consequences of divorce, domestic violence and the individual reframing. The research follows a qualitative design, and as a participant had a divorced elderly woman, victim of violence caused by their former spouses. The instrument used was a semi-structured interview and the collected data were submitted to thematic content analysis. The results indicated that the most common feelings and emotions were the feelings of happiness, vitality, determination and freedom. With regard to the fight characteristics manifested in the separation process route, we found that there was the experience of feelings of sadness, grief, disappointment. We realize that the separation favored the maintenance of health and the participant experienced the subjective process that promoted can contact and providing opportunities to experience new approaches himself. It was observed in the case, the permanence of the former couple in the same house after the divorce. We understand that the former spouses have passed through the stages of family, social and legal separation. However, for economic reasons, they kept the house under one roof.

**Keywords:** divorce, violence against women, individual reframing.

## INTRODUÇÃO

O combate à violência é um dos grandes desafios enfrentados pelas sociedades desde os primórdios, atingindo todos os níveis socioeconômicos, faixas etárias e parentescos civil e natural. Ao tratarmos da violência especificamente contras as mulheres, vemos que esses esforços se estendem a um âmbito internacional, com o desenvolvimento de políticas públicas que assegurem a integridade feminina, visando à construção de uma rede que trate esse assunto de maneira extensa, igualitária e hábil. Já que essa prática violenta ocorre geralmente em âmbito privado, e o temor, a discriminação e a ineficácia das ações geram uma maior ausência de divulgação desses atos publicamente.

Ao longo da história as mulheres eram vistas como o membro da família que procriava e cuidava da criação dos filhos, educando-os. Não lhe sendo permitidos a escolha do cônjuge e o estabelecimento de sentimentos de afeto para que o matrimônio fosse realizado, essas uniões eram determinadas no nascimento dos filhos, através de contratos entre as famílias que se baseavam em questões financeiras e orientações de divindades (Giddens, 1993)<sup>1</sup>. O que as colocava na posição de vítimas de processos de exclusão, discriminação e violência, situação que foi moldada ao longo do tempo por um modelo patriarcal, construção histórica e social que favorece o homem a dominar a mulher.

Com a modificação da constituição da família, que passa do modelo patriarcal para uma busca do modelo igualitário, observam-se mudanças consideráveis, principalmente em relação ao homem que até então era visto como superior à mulher, possuidor de uma liberdade sexual, com direito de controle e autoridade inquestionável. Fundamentado, muitas vezes, no poder econômico, passa o homem a ter suas relações horizontalizadas, em meados dos anos 50 do século XX, possibilitando as mulheres a saírem da posição de vítimas de processos de exclusão, discriminação e violência. A busca por igualdades pode ser também presenciada na mulher, através da forma como ela se veste até a liberdade sexual feminina, com o controle da procriação através da pílula anticoncepcional; da escolha do parceiro; da sua entrada no mercado de trabalho e da participação expressiva nas finanças da família. Na atualidade essa transição é alcançada dia pós dia e a oscilação dos modelos hierárquicos e igualitários se dão

de forma constante e conflituosa, por isso a coexistência desses modelos podem interferir na conservação e manutenção da conjugalidade, podendo gerar conflitos que levem a violência, seja ela física, sexual ou emocional.

Entendemos nesse trabalho a violência segundo Osório (2001, p.16)<sup>2</sup> quando nos diz que a violência é “o ato, ou sucessão de atos, conscientes ou inconscientemente determinados para causar dano físico, psíquico, moral ou social a outrem e que, por sua natureza e intensidade, não permitem a evitação imediata ou mediata de seus efeitos”. O autor acredita que as raízes psicológicas das práticas violentas do indivíduo estão no desejo de satisfazer sua expressão mental que é composta por três aspectos: a voracidade, a inveja e a ânsia pelo poder. “A violência não é um fenômeno puramente inato” Muchembled (2012, p.9)<sup>3</sup> se diferencia da agressividade, que é um componente da violência, no entanto pode ser combatido pelas civilizações. Assim a agressividade destrutiva é considerada uma “coisa de homem” acreditando que se deve ao fator cultural a construção da associação da virilidade a violência. No entanto, é importante tentar compreender e contextualizar o papel do homem nessas ações violentas, sem deixar de incluí-lo em uma sociedade que determina as maneiras de ser homem e ser mulher. As relações de gênero precisam ser refletidas, para que os conflitos conjugais que circundam esse tipo de violência incumbam à responsabilidade para ambos os gêneros e não aponte apenas na direção do homem, é o que nos aponta Arilha, Unbehauum e Medrado (2001, p. 24)<sup>4</sup> “Ao invés de procurar culpados, é necessário identificar como se dá a relação, gerando menos sofrimento individual e possibilitando efetivamente transformações no âmbito das relações, gerando menos sofrimento individual e possibilitando efetivamente transformações no âmbito das relações sociais “generificadas”, ou seja, orientadas pelas desigualdades de gênero”.

Violência contra a mulher está diretamente relacionada à violência doméstica ou Intrafamiliar, conhecida como sendo uma violência sigilosa ou explícita, praticada em sua grande maioria no lar, entre os seus familiares, com atos de agressividade que podem ir de lesões e traumatismos a consequências mais sérias e independem de situação socioeconômica. Podem se apresentar de diversos modos, como: violência física, se caracteriza por qualquer comportamento agressivo que provoque dor, machucando o outro, visando lesões corporais ou

até a morte; a violência sexual, consiste em o ato de obrigar alguém a pratica de comportamentos libidinosos, podendo ser apenas visual, sem o contato físico ou penetração, ou ainda sem penetração (sexo oral); a violência psicológica, dá-se das mais diversas formas: humilhando, denegrindo, punindo de forma excessiva, desrespeitando, dentro outras, as ameaças fazem parte desse tipo de violência.

O Ministério da Saúde (2005)<sup>5</sup> ao estudar o impacto da violência na saúde dos brasileiros, entende que violência intrafamiliar:

A que ocorre entre os parceiros íntimos e entre os membros da família, principalmente no ambiente da casa, mas não unicamente. Inclui as várias formas de agressão contra criança, contra mulher ou homem e contra idosos. Considera-se que a violência intrafamiliar é, em geral, uma forma de comunicação entre as pessoas e, que quando numa família se detecta um tipo de abuso, com frequência, ali existe, rotineiramente, uma inter-relação que expressa de várias formas violentas (p.24).

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2013)<sup>6</sup> o combate à violência contra a mulher tem se intensificado em vários países a partir das lutas feministas de 1970, com a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a mulher, adotada pelas Nações Unidas, sendo ratificado pelo governo Brasileiro em 1984 e com a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher que foi adotada pela Assembleia Geral da Organização dos Estados Americano, em 1994, ratificada no Brasil no ano seguinte, muitas mudanças e avanços ocorreram sendo marcos importante no combate à violência de gênero. No Brasil o Estado tem buscado criar políticas públicas visando às especificidades e necessidades desse contexto, assim criou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, em 2004, no mesmo ano instituiu o Plano Nacional de Políticas para as mulheres (PNPM), entre os enfoques legais está a Lei 11.340 – 07/08/06 – Lei Maria da Penha; a Lei 11.106/05 que propõe extensão do crime de adultério e substituição de termos como “mulher honesta” e mulher “virgem”; a Lei 10.886/04 que acrescenta parágrafos ao art. 129 do Código Penal, criando um tipo particular de violência, a violência doméstica; a Lei 10.714/03

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

[www.cieh.com.br](http://www.cieh.com.br)

que cria o disque 180, mecanismos de assistência às vítimas; e a Lei 10.778/03 que estabelece a notificação compulsória de violência contra a mulher. Essas leis agregam reforços para as instituições criadas para atuar especificamente na assistência a mulheres vitimadas, delegacias, serviços de atenção à mulher, ONG(s), abrigos e juizados.

Diante desse contexto, o desvincular-se é um processo que sofre a influência de diversas variáveis psicossociais, instalando tensões nos modos de funcionamento da vida dos sujeitos separados. Frente a esta desordem, cada cônjuge terá que adaptar-se, modificando-se internamente, almejando a organização de um universo comum que resista às circunstâncias previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida.

Assim, procuramos neste trabalho, compreender os sentimentos que emergiram em uma mulher idosa, quando se divorciou devido a violência sofrida, perdendo o poder do vínculo conjugal. Buscamos identificar ainda as características do luto vivenciado no decorrer do processo da separação; as emoções e sentimentos que foram mais frequentes na divorciada; as influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde da participante; e as repercussões da separação na ressignificação da sua identidade individual.

### **Aspectos metodológicos**

Participou desta pesquisa uma mulher divorciada. O critério de inclusão foi residir na cidade do Recife e/ou região metropolitana e ter, no mínimo, dois anos de divórcio. Não foram considerados o nível socioeconômico, a escolaridade, a idade e a religião. O critério para a escolha da participante foi do tipo proposital, também denominado de intencional ou deliberado. Para preservação e sigilo das identidades originais de cada participante, substituímos seus nomes reais por nomes fictícios.

O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, com questões abertas relativas às emoções e sentimentos mais frequentes no recém-divorciado, com perguntas referentes aos aspectos da vida anterior e posterior à separação, permitindo a verificação de atitudes, valores e opiniões do envolvido com a questão do divórcio. Os temas foram abordados a partir de um

roteiro temático, no entanto a ordem dos tópicos explorados foi determinada pelo caminhar da entrevista, assemelhando-se a uma conversa com finalidade, como nos aponta Minayo (2010)<sup>7</sup>.

Após a submissão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Protocolo Registro CEP/UNICAP Nº 172.323) entrevista foi individual e realizada em ambiente adequado e cômodo ao entrevistado. Foram gravadas (com autorização do participante), tendo a duração média de 40 minutos. Em seguida, a entrevista foi transcritas textualmente, tendo sido mantido o máximo de fidelidade com relação ao que foi dito e expresso, para posterior análise.

Os dados colhidos após as entrevistas foram analisados a partir da Análise de Conteúdo Temático, levando em consideração os objetivos da pesquisa. A definição das unidades temáticas foi elaborada a priori, em função dos objetivos dessa pesquisa. Elegemos quatro unidades, sendo elas: 1. Características do luto; 2. Emoções e sentimentos mais frequentes; 3. Repercussões na saúde; 4. Repercussões na identidade individual.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao entrevistar Renata, temos logo de início, a impressão que o casamento lhe causou um sentimento de aprisionamento e um desejo de libertar-se desse contexto, mas ao passo que ela discorre sua narrativa vemos que, o que pesou na separação foi a infidelidade do ex-marido. Féres- Carneiro (2003)<sup>8</sup> afirma em seu estudo que a traição masculina é um fator muito mencionado pelas mulheres de todas as idades quando relatam o desejo de separar. Essas traições estão relacionadas à forma como os homens reafirmam sua masculinidade, visto que a cultura aceita com mais tranquilidade a infidelidade masculina do que a do gênero feminino.

Percebemos como impulsionador da separação de Renata a violência psicológica provocada pelo ex-companheiro e que ela temia que se tornasse violência física também. Diniz (2011)<sup>9</sup> nos diz que a violência de gênero acomete mais mulheres em todas as fases do ciclo vital e que são caracterizadas para as situações que envolvem a violência dentro do contexto doméstico, estando presentes em todos os níveis sociais independente de classe econômica, cultural, étnica ou crença religiosa.

Ao analisarmos as características do luto vivenciado pela participante, identificamos que os sentimentos logo após a separação foram de ansiedade, desejo de distanciar-se, liberdade e paz, mas também de tristeza já que almejava viver no matrimônio, em suas palavras, “um amor eterno”. Podemos associar essas características do luto em Renata, com aquelas apontadas por Kubler-Ross (2008)<sup>10</sup> quando descreve os estágios de luto. Ou seja, Renata apresenta uma aceitação parcial da situação de separação conjugal, daí apresentar sentimentos conflitivos entre si.

Em um dado momento da entrevista, Renata verbaliza: “Dele eu não quero nem o nome, eu quero me afastar dele”. Esse desabafo revela a tristeza com a quebra do modelo tradicional de matrimônio, “tristeza porque não queria isso para mim”, “Só tive paz quando me divorciei”.

Vimos que, mesmo após a separação, a participante não se percebia sem o vínculo conjugal. Acreditava que apenas com o divórcio haveria essa quebra do matrimônio. Após o divórcio, o ex-casal permaneceu coabitando, atitude esta oposta ao desejo inicial de afastar-se, distanciar-se fisicamente do ex-companheiro. Ela descreve essa convivência como amigável e salutar para ambos e para os que com eles convivem, filhos e parentes: “Resultado ele não tinha para onde ir, e nem eu também tinha para onde ir, aí ficamos os dois morando no mesmo apartamento”. Essa convivência pacífica foi permitida ao passo que o ex-marido entendeu, com a proclamação do divórcio, que eles não eram mais um casal e que ambos eram livres. Na fala de Renata, “ele entendeu que eu não era mais a esposa dele, e eu fiquei livre cuidando dele, lavando, passando, a gente está até hoje, ele é uma pessoa maravilhosa para mim, agora”. Levantamos a possibilidade de tratar-se de um determinante financeiro, no qual as condições econômicas e sociais impõem a permanência desse ex-casal sob a mesma moradia, mas, também, uma acomodação de ambas as partes que identificamos como um prolongamento do casamento, já desfeito, sendo uma maneira de viver um elo rompido, inacabado.

Renata buscou alternativas que possibilitassem a permanência do matrimônio, entretanto, não obtendo êxito nas conciliações, buscou o fim da relação como forma de manter a integridade física e psicológica ameaçadas pela união: “Sempre gostei de ter um lar, de ter uma família, mas quando aconteceu eu também não fiquei sentida porque eu lutei muito, não foi na

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

[www.cieh.com.br](http://www.cieh.com.br)

primeira crise que eu disse vamos nos separar”. E acrescenta: “Foi muita luta, muito sofrimento, ele bebia muito, ele também teve depressão, ele teve os três tipos de depressão, foi muita coisa”.

Quanto às emoções e sentimentos mais frequentes, Renata expressa a felicidade, a vivacidade, o sentimento de liberdade e de determinação, presente nesse momento atual de sua vida. Ela designa o fim do casamento como o momento que obteve a liberdade: “Depois eu fui ter liberdade, é a palavra certa, liberdade para fazer o que eu queria, dançar, brincar, né! Foi aí que eu comecei a brincar, passear”. Acredita que conseguiu encontrar a felicidade com o fim da união, “Depois que me divorciei dele aí que eu fui ser feliz, né! Fui ser feliz de verdade!”.

Do ponto de vista social, segundo Falcke e Wagner (2011, p. 154)<sup>11</sup> “Há uma carência de iniciativas e propostas que deem conta de ajudar os casais a superar suas crises e romper com o ciclo de estratégias, muitas vezes violentas e ineficazes, que tendem a utilizar repetidamente na sua vida cotidiana”.

No caso Renata, com o fim da união, determinada pelo divórcio, nos trâmites legais, pode ter ocorrido a extinção dos episódios de violência doméstica, o que contribuiu para uma maior qualidade de vida dos membros dessa família e até de uma coabitação salutar dos ex-cônjuges, o que não foi conseguido durante o tempo em que permaneceram casados.

Muitas vezes a intervenção proposta visa a abordar apenas a violência conjugal, o casal em questão, defendendo a vítima e punindo o agressor, sem tentar entender o contexto que levou a utilização dessa estratégia, esquecendo que se trata de um fenômeno multideterminado e extremamente complexo.

Analisando as repercussões na saúde, vimos que as influências do processo de ruptura conjugal sobre a saúde da participante foram positivas. Podemos dizer que a ligação de Renata com a religiosidade tenha contribuído para essa harmonia em momento de tamanha turbulência.

No que diz respeito à presença de um projeto conjugal, percebemos que Renata “embalava” o desejo de um matrimônio harmonioso e duradouro, com investimentos afetivos e



sociais, entretanto, esse projeto não era partilhado por seu ex-companheiro, que vivia ao seu lado como se fosse solteiro. Féres-Carneiro (2003)<sup>12</sup> fala sobre a infidelidade masculina como promotora do desejo feminino de separar-se.

Na tentativa de ressignificar sua identidade individual, Renata nos transmite seu conflito em manter-se fiel às normas tradicionais estabelecidas para o matrimônio, enquanto aguarda a concretização do divórcio: “como ele ainda era meu marido eu ainda era muito presa a ele, eu não podia fazer nada, eu estava separada dele, mas ele estava dentro de casa morando junto, ele ainda era meu marido”, “aí poxa, o que eu estava fazendo da minha vida? separada, sem ter liberdade para nada, não podia sair de casa”.

Em seu relato, Renata revela que, durante o casamento, ela não tinha independência financeira, a qual só foi construída ao passo que ocorreu a desvinculação matrimonial. Essa independência financeira surgiu foi reforçada por uma pensão adquirida com a morte de uma das suas filhas durante esse momento de turbulência que ela vivenciava. “Depois disso comecei a fazer minhas amizades, comecei a fazer meus cursos, culinária, confeitaria, aí pronto, mas me dei bem foi quando eu comecei a ganhar dinheiro, porque antes dependia dele”. Entende-se que sua independência financeira pode gerar o sustento de sua família, demonstrando que não se tratava apenas de um complemento do orçamento doméstico, mas a fatia principal. Isso nos remete a Jablonski (1998, p.147)<sup>13</sup> em suas palavras quando faz uma análise da crise do casamento contemporâneo, “a inflação acabaria por estender suas garras, fazendo com que o emprego da mulher deixasse de ser o de uma mera suplementação pró-consumismo para atingir o status de complementação indispensável, para manter o padrão de vida sonhado/alcançado”.

Hoje, segundo ela própria, a relação que mantém com o ex-companheiro é muito boa, visto que ele reside na mesma casa e compartilham algumas atividades domésticas de forma pacífica e ordeira, considerando-o seu amigo. Não vê essa relação como disfuncional ou inapropriada, acredita ser uma coisa normal e corriqueira, fazendo-se necessária frente às dificuldades econômicas e sociais que as pessoas vivem atualmente. Ela diz: “a relação da gente é de amigo, é como se fossemos dois irmãos dentro de casa, um ajuda o outro como pode”. E reforça: “o povo não acredita, minha gente a coisa mais simples do mundo é casais

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

[www.cieh.com.br](http://www.cieh.com.br)

separados dentro da mesma casa”. Coloca essa ligação com o ex-cônjuge como uma vinculação de respeito e admiração, acredita ser ele uma pessoa capaz e boa depois da separação e, assim, “Ele não tinha nada, ele perdeu tudo, ele era uma pessoa muito inteligente, tudo ele fazia, que ele conseguia tudo”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entendemos que nesse processo de mudança em que o deslocamento de sentimentos exige adaptação e aceitação de novas condições frente à ferida emocional ainda aberta, todos os sentimentos são vividos de forma intensa. Nesse sentido, os sentimentos e emoções mais frequentes foram: os sentimentos de felicidade, vivacidade, determinação e liberdade.

No que se refere às características do luto manifestadas no percurso do processo de separação, constatamos que houve a vivência de sentimentos de tristeza, mágoa, decepção.

Na tentativa de identificar as interferências provocadas pela separação sobre a saúde da entrevistada, percebemos que a separação favoreceu a manutenção ou a busca por uma melhor qualidade de vida.

Verificamos que a presença de um suporte familiar afetuoso contribuem para o enfrentamento do momento de ruptura matrimonial, se tornando uma das estratégias utilizadas para a ressignificação da identidade individual. Essa conquista possibilitou tornar-se autônoma e capaz de desenvolver a sua individualidade. Experienciando o processo de subjetivação que promoveu o contato consigo e, a partir disso, conseguir alcançar mudanças individuais, significativas desconstruindo a identidade conjugal e oportunizando a vivência de novos enfoques de si mesmo. Criaram projetos existenciais capazes de contribuir para a singularidade, crescimento e amadurecimento de si, e do ser com o outro. A pesquisada passou da dependência para a independência emocional, que a levou a se respeitar, respeitar o outro e se desenvolver em processos interacionais.

Fator importante e singular da nossa pesquisa foi o cuidado com o ex-cônjuge, observado no um caso, levando à permanência do ex-casal na mesma casa, após o divórcio. Entendemos

que os ex-cônjuges passaram pelas etapas de separação familiar, social e legal. No entanto, por questões econômicas, mantiveram a moradia sob o mesmo teto. Esse é um achado importante que a literatura não tem abordado e que pode nortear a realização de novas pesquisas sobre o tema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 2a ed. São Paulo: Ed Unesp.
2. Osório, L. C. (2001). *A violência nossa de cada dia: da aceitação contemplativa à indignação transformadora*. 1ª ed. Florianópolis: Ed Grupos / Espaço Editorial / Associação Humanidades.
3. Muchembled, R. (2012). *História da violência: do fim da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ed Forense Universitária.
4. Arilla, M, Unbehau, S. & Medrado, B. (2001). *Homens e masculinidades: Outras palavras*. São Paulo: Ecos/Editora 34.
5. Ministério da Saúde. (2005). O impacto da violência na saúde dos brasileiros. Consultado em 10, outubro 2013. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto\\_violencia.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf)
6. Conselho Federal de Psicologia. (2012). Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência. Brasília: CFP.
7. Minayo, M. C. S. (2010). *Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ed. São Paulo: Ed Hucitec.
8. Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*. 8(3). 367-374. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2003000300003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt).
9. Diniz, G. (2011). Conjugalidade e violência: reflexões sob uma ótica de gênero. In T. Féres-Caneiro. (Org.), *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 11-26) São Paulo: Casa do Psicólogo.

10. Kubler-Ross, E. (2008). *Sobre a morte e o morrer*. 9ed. São Paulo: Martins Fontes.
11. Falcke, D. & Wagner, A. (2011). A violência na conjugalidade: possibilidades de intervenção. In T. Féres-Carneiro. (Org.), *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 149-160) São Paulo: Casa do Psicólogo.
12. Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*. 8(3). 367-374. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2003000300003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt).
13. Jablonski, B. (1998). *Até que a morte nos separe: a crise no casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed Agir.